

O preço do riso

Um prospecto aparentemente inocente, promovendo a VI Semana do Economista, realizada de 20 a 23 do corrente, em Vitória, pode azedar mais uma vez o relacionamento do Governo do Estado com o Palácio do Planalto, além de ameaçar a liberação de créditos estaduais retidos no Banco do Brasil. Tudo isso porque, no cartaz de divulgação do evento, existe um **cartum** em que aparecem os ministros Ernane Galvêas e Delfim Netto — este último propositadamente desenhado com cara de suíno — pilotando um rolo com compressor que esmaga um trabalhador anônimo.

Até aí, tudo bem. Afinal de contas, a sátira política tem sido exercitada com ampla liberdade neste país e não seria esta que iria criar novos constrangimentos entre o Estado e a União. O que provocou uma violenta reação por parte das autoridades fazendárias do País é que o infelizmente prospecto foi confeccionado graças ao patrocínio que recebeu do Bandes, do Banestes, da Cesán, da Comdusa e do Instituto Jones Santos Neves, todos organismos estatais.

Quando um desses cartazes chegou a Brasília, houve uma revolta generalizada por parte dos escalões superiores da Fazenda e do Planejamento, além de algumas ressonâncias, essas menos violentas, em setores do Banco Central. E, se analisadas detidamente as circunstâncias, o descontentamento detectado em Brasília não deixa de ter a sua justificativa. Não pela agressão em si aos ministros Delfim Netto e Ernane Galvêas, diariamente ridicularizados pelos caricaturistas dos grandes jornais brasileiros, mas sim pelo fato de a publicação ter sido financiada por empresas de um Estado que, nos últimos meses, tem andado com o pires na mão, mendigando ajuda financeira federal. Nas áreas da Fazenda e do Planejamento, a impressão que ficou é a de que o Governo do Espírito Santo usa a mão direita para esmolar e se utiliza da esquerda para esbofetear.

O Palácio Anchieta já está cientificado da celeuma que o despropositado prospecto provocou em Brasília, uma vez que altos funcionários do Banco Central traduziram seu descontentamento num prolongado e desgastante contato telefônico que mantiveram com o presidente do Banestes, Carlos Guilherme Lima.

As explicações foram dadas, mas nem assim o Governo do Estado conseguiu anular o clima de inconformismo. Sabe-se, por exemplo, que nenhuma das empresas envolvidas no episódio tinha conhecimento do propósito agressivo da publicação. Elas se limitaram, pura e simplesmente, a colaborar com os organizadores da VI Semana do Economista, arcando com as despesas destinadas à divulgação do evento, através da **mídia** impressa. Em nenhum momento os responsáveis pela parte gráfica do prospecto informaram o Banestes e as demais empresas sobre a existência de charges e críticas a autoridades federais. O mais grave, porém, é que os organizadores do simpósio passaram a distribuir, indiscriminadamente, a publicação e só mais tarde, quando todo o material praticamente tinha sido entregue aos destinatários, é que os organismos que patrocinaram sua confecção tomaram conhecimento da agressão aos ministros.

Esses esclarecimentos foram transmitidos em caráter de urgência a graduados funcionários dos dois ministérios, mas o episódio ainda pode ter desdobramentos desagradáveis, principalmente no momento em que se torna maior a dependência do Estado em termos de colaboração financeira por parte do Governo Federal.